



## Globalização e processos migratórios: cenários da atualidade do Mercosul

Rejane de Oliveira

### Resumo:

Este texto tem como objetivo trazer alguns autores que pensam a relação globalização e processos migratórios, a fim de observar como estes processos se relacionam e dinamizam as identidades dos sujeitos migrantes.

**Palavras-chave:** Globalização - Migração - Mercosul.

### Abstract:

This paper intends to show many authors which think about globalization and migration. We observe the relationship of this process and the dynamics in the migrants identity.

**Key words:** Globalization - Migration - Mercosouth.

### Resumen:

Este texto tem como objetivo trazer alguns autores que pensam a relação globalização versus processos migratórios, a fim de observar como estes processos se relacionam e dinamizam as identidades dos sujeitos migrantes.

**Palabras clave:** Globalización - Migración - Mercosur.

---

**Rejane de Oliveira** é professora do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora em Ciências da Comunicação Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), mestre em Educação pelo Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Jornalista e Relações Públicas formada pela UFSM.

## O processo de globalização<sup>1</sup>

A problemática da globalização atravessa nossas sociedades, constituindo-se tanto em um tópico da linguagem empresarial, quanto do discurso político e dos debates acadêmicos, incluindo aí o campo da comunicação.<sup>2</sup> O globalismo<sup>3</sup> é definido por Ianni (1999) como uma configuração histórico-social abrangente, que convive com as mais diversas formas sociais de vida e trabalho, mas também que assinala condições e possibilidades, impasses e perspectivas, dilemas e horizontes. Trata-se de um processo de amplas proporções que, segundo o autor, é “produto e condição de múltiplos processos sociais, econômicos e culturais e resulta de um jogo complexo de forças que atuam em diferentes níveis da realidade, em âmbito local, nacional e mundial” (IANNI, 1999, p.16).

O processo envolve nações, nacionalidades e grupos sociais. Entendemos que seja justamente no jogo entre o conjunto das estruturas configuradoras com as peculiaridades de cada indivíduo que compõe os mais distintos grupos que as configurações sociais vão se desenhando. São realidades sociais, econômicas, políticas e culturais que vão se dinamizando com a globalização acelerada.

No que tange ao início do processo de globalização, alguns estudiosos afirmam que este teve início ainda em 1492, quando a visão ocidental começa a se impor<sup>4</sup>. Outros autores, no entanto, justificam que sua construção mais imponente se deu com a expansão do capitalismo entre os séculos XV e XVIII e com a chegada das sociedades industriais, no século XIX.<sup>5</sup> Enfatizam ainda que, no século XX, todos esses processos são acelerados e também reconfigurados. García-Canclini (2003, p.41) afirma

<sup>1</sup> Projeto financiado pela CAPES/MECD que tinha como objetivo estudar as estratégias de midiáticação das migrações contemporâneas nos contextos brasileiro e espanhol e suas repercussões na construção midiática da União Européia e do Mercosul.

<sup>2</sup> Entrevistas realizadas em função da pesquisa de doutoramento “Identities argentinas dinamizadas nas relações midiáticas e comunicacionais de imigrantes residentes na cidade de Porto Alegre/RS” e também a partir da participação como professora pesquisadora do Projeto de Cooperação anteriormente referido.

<sup>3</sup> Embora alguns autores façam distinções entre “globalização” e “globalismo”, neste texto usaremos os termos como sinônimos, por entendermos que ambos referem-se a um amplo processo de ordem política, econômica, também sociocultural, que dinamiza fluxos importantes, como das migrações por exemplo, e que promove reconfigurações marcantes no entendimento de tempo, espaço e território.

<sup>4</sup> Sobre essa questão ver: Gutiérrez, 2003.

<sup>5</sup> Ortiz (2003), Giddens (2002) e Ianni (1995, 1998 e 1999).

que essas discrepâncias na datação têm a ver com diferentes modos de definir a globalização. “Aqueles que lhe atribuem uma origem mais remota privilegiam seu aspecto econômico, ao passo que, quem justifica a aparição recente desse processo dá mais peso a suas dimensões políticas, culturais e comunicacionais”.

Uma visão ainda bastante comum, portanto, é perceber a globalização como um processo essencialmente econômico, que aponta para a liberalização dos mercados e para a integração das economias nacionais com uma nova ordem global. Essa perspectiva, entretanto, exclui a questão cultural de suas análises. A par dessas limitações, é possível afirmar que, pensar a globalização hoje é também pensar a existência (e o convívio) de diferentes grupos e indivíduos, onde a diversidade e as semelhanças estão presentes no mesmo contexto. O mais importante é que a globalização impõe fluxos importantes, como as migrações, os conflitos étnicos e religiosos, entre outros. E a comunicação, por sua vez, tem a capacidade de conformar e compartilhar sentidos gerados nessa construção.

Neste sentido, é importante lembrar que os processos globais vão sendo construídos pela circulação mais fluida de capitais, bens e mensagens, mas também de pessoas que se deslocam entre os diferentes países do globo. Incorporar o papel das pessoas e, portanto, a dimensão cultural do processo de globalização é, nas palavras de García-Canclini (2003, p.58), “reconhecer o suporte humano desse processo, sem cair na redução dos movimentos econômicos a fluxos anônimos”.

García-Canclini (2003) faz uma diferenciação entre os termos internacionalização, transnacionalização e globalização. A *internacionalização*,

segundo o autor, teve início com o período das grandes navegações e a abertura comercial das sociedades europeias para o extremo oriente e a América Latina. A *transnacionalização*, por sua vez, é um processo formado a partir da internacionalização da economia e da cultura, mas que dá alguns passos além a partir da primeira metade do século XX, ao gerar empresas e movimentos cuja sede não se encontra exclusiva e predominantemente numa única Nação.<sup>6</sup> Por fim, a globalização seria a aglutinação destes dois processos anteriores, por meio do crescimento e da aceleração de redes econômicas e culturais que operam em escala mundial.

<sup>6</sup> García-Canclini (2003) cita o exemplo de empresas como a Phillips, a Ford e a Peugeot, que abarcam vários países e se movem com bastante independência em relação aos Estados e às populações a que se vinculam.

O que ocorre no fim do século XX, segundo Ianni (1999), é o intenso desenvolvimento do capitalismo mundial, dotado de movimentos próprios e abrindo e reabrindo fronteiras. “Trata-se de uma realidade social, econômica, política e cultural de âmbito transnacional” (IANNI, 1999, p.20), que pode recriar as mais diversas formas de nacionalismos e localismos e, em geral, modifica o lugar e o entendimento de espaço e tempo.

Desterritorializam-se e reterritorializam-se em outros lugares, em outras durações, as coisas, as gentes e as idéias. Também assim se transforma o mapa do mundo, não só o que pode estar na geografia e na história, mas também o que pode estar nas mentes e corações (IANNI, 1999, p.21).

Na medida em que se desenvolve e se intensifica o processo de globalização, também se modificam, ou ao menos se reorganizam, dimensões como tempo, espaço e território. Reduzem-se as distâncias, tanto no nível imaginário como no nível das relações, intensifica-se a adoção de tecnologias e dos meios de informação e comunicação, o que acaba influenciando na maneira como as pessoas e as idéias se desterritorializam e na conformação de

identidades, que não se fixam mais em um único lugar e podem alimentar-se de referentes globais.

### **Distâncias diminuindo ou relações acelerando?**

Neste contexto globalizado, muitas vezes, lemos ou ouvimos questões que sintetizam o seguinte questionamento: São as distâncias que estão se “encurtando” ou é a velocidade das relações que “está acelerando”? Neste debate muitos autores comparam, com suas idéias bastante diferenciadas, mas que merecem ser aqui enunciadas. Giddens (1991), por exemplo, fala de um “desencaixe espaço-temporal” em relação aos contextos locais de interação. Nesta perspectiva, o local se dilata para apreender o global, as relações perdem as especificidades, são globalizadas. Já Harvey (2001) enuncia uma contração do espaço pela velocidade e aceleração do tempo. O espaço pode ser cruzado num piscar de olhos, por avião, por fax ou por satélite. Nesta perspectiva é o global que se estreita.

Alguns autores, tais como Paul Virilio (1993), chegam a decretar o fim do espaço, pois este teria sido suprimido pelo tempo, ou melhor, a aceleração da própria realidade estaria apagando as distâncias. Esse autor, entretanto, apresenta dois pontos que precisam ser problematizados. O primeiro ponto é o fato de esta perspectiva vir marcada por uma idéia de *dissociação tempo e espaço*. Num entendimento contrário, pensamos que as dimensões tempo e espaço não podem vir dissociadas, posto que uma depende e dá sentido a outra. “Materializamos” o fator tempo por meio do espaço e, por outro lado, “medimos” o espaço por meio da dinâmica temporal. O outro ponto de discordância se refere à idéia de que os processos sociais e culturais estariam se tor-

nando cada vez mais desterritorializados. Propomos que, o que está acontecendo, na verdade, é uma reconfiguração e, ao mesmo tempo, uma *resignificação das territorialidades*, um processo bem mais complexo e que será agora discutido.

### **A territorialidade resignificada**

Existem várias maneiras de *pensar os territórios*. A primeira, e talvez a mais questionável, é interligada às bases materiais sobre as quais a territorialização se reproduz. Nessa perspectiva, sociedades tradicionais, como as indígenas, seriam as *mais territorializadas*. Quanto maior a evolução tecnológica, maior o desatrelamento dos grupos sociais em relação ao meio físico e, “conseqüentemente”, maior o nível de desterritorialização. Aqui, o *encurtamento das distâncias*, propiciado pelas novas tecnologias de transportes e comunicações, converte-se no elemento propulsor da desterritorialização. Essa perspectiva tem Pierre Lévy (2000) como um de seus mais conhecidos defensores e apresenta o “ciberespaço” e a “cibercultura” como a culminância da evolução dos processos de desterritorialização.

Uma segunda perspectiva identificada é marcada por um caráter político e de poder. A partir dessa percepção, os sujeitos são controlados a partir do domínio de seus territórios. Dentre os estudiosos que defendem esta tese, encontra-se Sack (1986), que enfatiza a dimensão política e o papel das fronteiras na definição de territorialidade. Para o autor, territorialidade significa a tentativa empreendida por um indivíduo ou um grupo “de atingir, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos através da delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica” (SACK, 1986 p.19).

A terceira vertente para se pensar a territorialização nasce a partir de uma dimensão cultural. Comparecem aqui autores que trazem conceitos importantes para se pensar a questão do espaço e dos territórios. García-Canclini (2000) e Hall (2003) discutem os hibridismos e Ortiz (2003) a mundialização da cultura. Acreditamos que essa terceira vertente não exclui a questão do poder (antes mencionado), sobretudo porque todas as construções simbólicas, aqui tão enfatizadas, estão intrinsecamente associadas às relações de poder, tal como nos mostra Bourdieu (1998), na sua análise do poder simbólico.

Analisando a questão migratória, por exemplo, observamos que a constituição identitária dos imigrantes muitas vezes se compõe (e se recompõe) nas suas territorialidades, simbólicas ou vivenciadas. Maffesoli (1987, p.202) nos mostra que “o coeficiente de pertença não é absoluto, cada um pode participar de uma infinidade de grupos, investindo em cada um deles uma parte importante de si”. Essa multiplicidade de tribos a que cada um de nós pode pertencer revela também as múltiplas territorialidades que assumimos. Isso mostra que a desterritorialização não se restringe apenas a exemplos óbvios, como às corporações internacionais, mas também se aplica à cultura e a grupos étnicos. A desterritorialização se manifesta nas mais diferentes esferas da vida social, incluindo aí o campo cultural.

É neste sentido também que Haesbaert (2002, p.31) afirma que estamos vivenciando aqui a “consolidação de novas formas de organização territorial” e que uma das características centrais dessas *novas territorialidades* é “sua imbricação com processos múltiplos, diferenciados, complexos, de identificação social”. Com isso, o autor anuncia que, “tão importante quanto os processos econômicos e

políticos de desterritorialização é a dinâmica simbólica-cultural que ajuda a moldar as territorialidades emergentes”. O mesmo autor argumenta que muitos estudiosos falam no “fim dos territórios”, esquecendo que “toda desterritorialização implica, obrigatoriamente, uma reterritorialização, pois é inerente ao ser humano e aos grupos culturais, a recomposição da sociedade em bases territoriais” (Haesbaert In: LOPES E BASTOS, 2002, p.31). É neste sentido também que Ortiz (2003, p.40) anuncia que “ao desterritorializar-se, el espacio se re-territorializa en el contexto de otra espacialidad”.

As proposições até aqui trabalhadas explicitam a não aceitação do território apenas como um lugar físico e sim como um espaço marcado pelo humano. É nesse sentido que a globalização amplia o conceito de território. Santos (2004), afirma que o conceito só se torna utilizável se considerado a partir de seu uso, se for pensado juntamente com aqueles atores que dele se utilizam. “A sociedade exerce permanentemente um diálogo com o território usado” (SANTOS, 2004, p.26).

Deleuze e Guatarri também trabalham com esta perspectiva para compreender a questão da territorialidade. Segundo estes autores, ao entrarmos em contato com o outro, procedemos a uma desterritorialização. Esse movimento, conseqüentemente, nos faz interagir com este outro para que, então, possamos nos reterritorializar. No entanto, a dificuldade encontrada, a partir da observação da trajetória dos imigrantes do Mercosul, reside no fato de que os processos políticos e econômicos muitas vezes desterritorializam estes sujeitos sem possibilitar-lhes uma reterritorialização.

Nesta mesma direção, Haesbaert (2002) faz

um interessante paralelo dos distintos significados que a desterritorialização adquire para os mais ricos e os mais pobres. Segundo o autor, para os mais ricos o mundo encolhe e se alarga em um duplo sentido: passivamente, chegando até eles via novas tecnologias e ativamente, na medida em que eles próprios podem se deslocar pela superfície do globo. Na contramão, os pobres vivem uma desterritorialização profundamente insegura, uma mobilidade compulsória, como refugiados ou como imigrantes. Assim,

Enquanto a elite transnacional pode construir seu território de cidadania-mundo, identificando-se com o próprio planeta no seu conjunto, os aglomerados humanos se voltam para identidades fundamentalistas (nacionais, étnicas, religiosas) como uma forma de manter valores capazes de assegurar-lhes a sobrevivência como grupo. (HAESBAERT, 2002, p.34)

Este exemplo mostra como é difícil estabelecer as fronteiras entre uma concepção política e uma concepção cultural de território. Mesmo que priorizemos a dimensão cultural, a cultura não pode ser considerada a não ser como cultura política. Quando pensamos em território, pensamos numa dimensão política e culturalmente situada. É nesta perspectiva que percebemos o contexto no qual as identidades mercosulinas estão situadas. Entendemos, portanto, que os imigrantes entrevistados não vivem num mundo desterritorializado, pelo menos não somente no sentido de um desencaixe espaço-temporal, conforme foi proposto por Giddens, onde o local se dilatava para apreender o global, nem somente no sentido da total compressão do espaço pela velocidade e aceleração do tempo, conforme sentenciou Harvey. Acreditamos que o espaço onde os sujeitos pesquisados estão inseridos recompõe-se em suas

territorialidades, sejam elas sociais ou simbolicamente vivenciadas.

Em alguns momentos, podemos dizer que os imigrantes investigados traduzem essa compreensão de território, marcada por cruzamentos e por “interstícios culturais”, conforme nomina Bhabha (1998). Na concepção do autor, essa perspectiva possibilita deslocar as identidades da rigidez imposta pela polaridade (nós-outros) que foi construída ao longo da modernidade. Possibilita também pensar este outro a partir da negociação, dos interstícios culturais, o *terceiro espaço*, como propõe Bhabha (2001). No entanto, a idéia de formação de um *inter-espaço*, que não é mais o território do outro, nem o nosso, não consegue dar conta de alguns posicionamentos assumidos pelos imigrantes argentinos entrevistados nesta pesquisa. Em alguns casos, a idéia de hibridez, de um espaço que se forma a partir da interação e que aceita contribuições de outras culturas precisa ser questionada. Relatos de alguns imigrantes do Mercosul, como os argentinos por exemplo, mostram que essa reterritorialização não é tão pacífica quanto Bhabha propõe. Ao contrário, demonstram que, em alguns casos, estes imigrantes recebem estigmas e adjetivações pejorativas, promovendo a segregação destes sujeitos e, conseqüentemente, marcas que vão interferir na sua conformação identitária.

A perspectiva da desterritorialização subentende a capacidade do indivíduo de se adaptar e se territorializar num espaço onde tudo muda, tudo se ressemantiza. Este processo é conhecido como hibridização (ou hibridação) cultural (GARCIA-CANCLINI, 2001), um cruzamento fértil, gerador de fluxos que põem em interação as instâncias produtoras e receptoras. Para García-Canclini (2001)

a cultura não deve ser vista como um espaço de manutenção e impermeabilidade e sim como um espaço em constante elaboração. Para o autor, a cultura é a possibilidade que os indivíduos têm de criar, de se apropriar e produzir significados com base nas suas experiências individuais, experiências estas que, por sua vez, carregam as marcas dos grupos do qual fazem parte.

Ainda hoje, há a idéia de que a globalização traz a integração, ou a homogeneização como alguns autores sentenciam, o que provocaria a dissolução das diversidades e das identidades. Pensamos que é inegável o fato de que a globalização acaba impondo novas condições a interculturalidade. No entanto, é importante termos em mente que a interculturalidade também envolve tensões e relações de poder e não está isenta de conflitos. Nesse sentido, vale a contribuição de Malgesini e Gimenez (1997) que afirmam que a interculturalidade não se dá no plano da igualdade e sim num campo de domínio e hierárquico.

### **Globalização e processos migratórios**

O contexto de globalismo vem ganhando novos sentidos com os intensos deslocamentos de sujeitos, originados das experiências migratórias. Na concepção de Ribas Mateos (2004), é possível enumerar três adjetivos que ilustram o panorama que envolve a relação globalização e processos migratórios. De acordo com a pesquisadora, os movimentos migratórios são cada vez mais “intensos, diversificados e complexos”. *Intensos* no sentido de que o número de migrantes que abandonam sua terra natal e cruzam diariamente as fronteiras é cada vez maior. Os motivos que ocasionam esse aumento são múltiplos e variados,

vão desde as transformações da economia mundial, passam pelos movimentos étnico-religiosos e culminam na busca por melhores condições de vida. Estes movimentos são também cada vez mais *diversificados*. Isso pode ser verificado, segundo Ribas Mateos (2004), na feminilização do fenômeno migratório, por exemplo. Por fim, as migrações são cada vez mais *complexas*. Diferentes fatores dão conta desta complexidade dos movimentos migratórios, dentre eles, a autora destaca o fato dos fluxos não terem mais origem e destinos determinados, ocorrendo um vaivém mais ou menos desordenado, em várias direções. Na concepção de Ribas Mateos (2004), os migrantes acabam acumulando em suas trajetórias de vida várias saídas e várias chegadas, numa tentativa de se fixar definitivamente.

Assim como a globalização, os processos políticos também tiveram forte implicação nos movimentos migratórios. O período das ditaduras e as crises econômicas são alguns exemplos que ficaram evidenciados no relato dos imigrantes entrevistados.

Compreendida como “fenômeno histórico que marca a condição humana” (ZAMBERLAN, 2004) e “argumento epistemológico para a reafirmação da heterogeneidade das sociedades ocidentais” (HALL, 2003), as migrações são uma das principais experiências socioculturais que move o campo acadêmico a nomear de *intercultural* as sociedades contemporâneas.

O processo de globalização envolve uma ruptura de amplas proporções, abalando quadros sociais e mentais de referência. Trata-se de uma ruptura simultaneamente histórica e epistemológica, provocando obsolescências e ressurgências de rea-

lidades e formas de pensamento, bem como o desafio de se taquigrafarem as novas realidades e formas de sociabilidade (IANNI, 2003, p.331). Partindo do princípio de que um dos aspectos centrais da globalização é a intensa interação que se estabelece entre as culturas e as sociedades, Ana Uribe nos fala que o constante fluxo de pessoas que as migrações contemporâneas suscitam estabelece uma esfera pública em diáspora, onde se encontram imbricadas as experiências de vida e a apropriação dos bens simbólicos e dos meios de comunicação.

Levando em consideração toda a complexidade deste processo, podemos dizer que os processos migratórios marcam de maneira definitiva a cultura e a sociedade contemporânea. As identidades culturais dos imigrantes argentinos são impactadas, e de alguma maneira também impactam a cultura do país receptor, favorecendo o surgimento de *culturas híbridas* (GARCÍA-CANCLINI, 2001). Ao mesmo tempo em que os imigrantes se desterritorializam de seus países de origem, eles vão se reterritorializando no país receptor a partir dos diferentes processos culturais nos quais vão sendo inseridos.

Essa questão possibilita questionar se a evolução das novas tecnologias de informação e comunicação facilita a compreensão deste *outro* ou nos leva a repetir esquemas binários que dividem o mundo entre aqueles que pertencem e aqueles que não pertencem a uma determinada cultura ou sociedade. Essa reflexão, ao mesmo tempo em que denota a complexidade que vai sendo imposta às sociedades contemporâneas, nos mostra que o processo de globalização está fortemente implicado nas reconfigurações dos processos migratórios e suas consequências.

### Os (trans)migrantes

Os processos migratórios são, sem dúvida, características da sociedade global. Alguns movimentos migratórios, entretanto, assumem um sentido circular, ou seja, ainda que o sujeito deixe o lugar (território), ele continua se comunicando com amigos e familiares, conservando referências no local e mantendo referentes simbólicos do lugar que deixou. Na concepção de Ana Uribe, esse tipo de migração se refere a um processo por meio do qual os sujeitos imigrantes, no caso *transmigrantes*, constituem campos sociais donde se mesclam o país de origem e o de destino e conformam identidades que se conectam a duas ou mais sociedades simultaneamente. Isso levanta a possibilidade da questão fronteiriça, que possibilita um acesso, tanto físico quanto tecnológico, relativamente facilitado, ser bastante significativa na conformação destas identidades (trans)migrantes.

O termo *transmigração*, cunhado pelo cientista Octavio Ianni, parece abranger, em grande medida, a complexidade que essa experiência assume no cenário da globalização. Os que migram pela primeira vez somam-se aos demais imigrantes, intensificando tensões, estereótipos e adjetivações, que vão impondo, ampliando e multiplicando as experiências de interculturalidade nos países ocidentais. A facilidade de comunicação dos imigrantes do Mercosul no Brasil com seu Estado de origem é cada vez maior, o que faz com que estes sujeitos tornem-se *transmigrantes* (IANNI, 1995), aptos para expressar as suas resistências às situações políticas e econômicas que os englobam, bem como passíveis a um ajustamento às dificuldades vivenciadas no país receptor, tais como falta de documentação e dificuldades financeiras.

Alain Touraine (1996) enfatiza algumas especificidades do processo de globalização que se rela-

cionam diretamente com a questão migratória, como o fato deste processo promover reorganizações da sociedade, onde as dinâmicas da economia e da cultura mobilizam não somente a heterogeneidade dos grupos como também a coexistência de uma sociedade de códigos e narrativas distintas, reconfigurando assim, alguns conceitos acerca da identidade. Na região do Cone Sul, todas as mudanças nos modos de acumulação tiveram impacto nas “formas de organização da sociedade”, [...] “na reorganização da economia política” e [...] “nos modos de pertencimento a unidades sócio-político-culturais” (FRIGEIRO e RIBEIRO, 2002, p.154).

Observando essa perspectiva da transmigração, é possível supor que a imigração dificilmente ocorre de maneira linear e que este processo implica não somente mobilidade física, mas também um intercâmbio de recursos econômicos, sociais, simbólicos e culturais. Essa ação acaba gerando novas experiências socioculturais que marcam e interferem nas relações, na recepção midiática e na constituição das identidades.

### **Algumas considerações**

Ao final deste breve análise, é possível afirmar que existem contextos macro-sociais que atravessam a construção das identidades migrantes e acabam conformando os processos comunicacionais e midiáticos que constituem as identidades investigadas. A globalização é um contexto de fundamental importância, visto que impõe movimentos migratórios e acaba incidindo na construção das identidades dos imigrantes do Mercosul. Este processo configura uma sociedade em diáspora, o que marca, de maneira definitiva, a cultura e as identidades dos sujeitos pesquisados. É neste sentido

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: União de Editores, 1998.

FRIGERIO, Alejandro. "A alegria é somente brasileira": a exotização dos migrantes brasileiros em Buenos Aires. In: FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo. Lins. **Argentinos e Brasileiros**: encontros, imagens e estereótipos. Petrópolis: Vozes, 2002.

GARCIA-CANCLINI, Néstor. **A Globalização imaginada**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Latinoamericanos buscando lugar em este século**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

\_\_\_\_\_. **Culturas híbridas**:

estratégias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Paidós, 2001.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

HAESBAERT, Rogério. Fim dos territórios ou novas territorialidades? In: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Líliliana Cabral (orgs.) **Identidades**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: Editora da UFMG/ Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

IANNI, Octavio. A sociedade mundial e o retorno da grande teoria. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. A era do globalismo. In: OLIVEIRA, Flávia Arlançh Martins. **Globalização, regionalização e nacionalismo**. São paulo: Editora da UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. **A sociedade global**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

\_\_\_\_\_. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MALGESINI, G; GIMÉNEZ, C. **Guía de conceptos sobre migraciones, racismo y interculturalidad**. Madrid: La cueva del oso, 1997.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

\_\_\_\_\_. Globalización y esfera pública: entre lo nacional y lo transnacional. In: **Comunicación, cultura y globalización**. Bogotá: Ceja, 2003.

\_\_\_\_\_. **Um outro território**: ensaios sobre a mundialização. São Paulo: Olho d'água, 2000.

SACK, R. D. **Human territoriality**: its theory and history. Cambridge: Cambridge University, 1986.

SANTOS, Milton. **Território e Sociedade**. Entrevista com Milton Santos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

TOURAINÉ, Alan. **¿Podremos vivir juntos?** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1996.

URIBE, Ana. **Receptores nômadas: confluências entre recepção televisiva y migración transnacional**. Disponível em: <<http://www.intexto.ufrgs.br/n11/a-n11a7.html>> Acesso em: 05 fev 2006.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização**. Porto Alegre: Pallotti, 2004.

que a globalização transcende as conseqüências econômi-cas do capitalismo acelerado, pois as maiores mudan-ças estão se dando justamente nas dinâmicas das relações sociais e nas reconfigurações identitárias daí resultantes.

O olhar atento para a história das relações entre Brasil e Argentina, só para citar um exemplo, permitiu observar que, os intercâmbios econômicos, notadamente o Mercosul, pouco contribuem para minimizar antigas polarizações que, construídas desde os períodos da colonização, perpetuam estereótipos em relação aos argentinos, estereótipos estes que se refletem, ainda hoje, nas falas e nas práticas comunicacionais destes sujeitos, assim como na mídia.